

A cobertura da morte de Claudio Damasceno pelas TV's São Francisco e Grande Rio¹

Andrea Cristiana Santos²
Jadnaelson da Silva Souza³

Resumo

Este artigo pretende analisar, à luz das teorias do jornalismo, a cobertura feita pela TV São Francisco, Juazeiro-BA, e TV Grande Rio, Petrolina-PE, sobre a morte do ator Claudio Damasceno, em julho de 2009. Será discutida também a forma como a mídia pauta as mortes. Foram tomados como base os estudos de Mauro Wolf (2005) e Nelson Traquina (2005) que discutem as teorias da comunicação e do jornalismo, especificamente. Conclui-se que existe uma espécie de padronização na forma de se fazer a cobertura jornalística de mortes, como ocorreu no caso do falecimento de Claudio Damasceno. Percebeu-se também a diferença entre as coberturas realizadas pelas duas emissoras.

1. Introdução

A rotina jornalística é muito difícil. Além de o jornalista ter a dura tarefa de acompanhar os fatos do dia-a-dia, apurar as informações e interpretá-las para o leitor/ouvinte/telespectador, ainda precisa conviver com diversos elementos que a torna mais complicada como, por exemplo, os constrangimentos organizacionais pontuados na Teoria Organizacional proposta por Warren Breed (*apud* TRAQUINA, 2004, p.152).

Existem ainda os fatos que, jornalisticamente falando, são difíceis de serem cobertos. A morte é um deles, por ser um momento onde a família e os amigos do morto estão emocionalmente abalados, mas o jornalista precisa atuar para levar as informações sobre aquele fato (caso seja de interesse público) à audiência. E a cobertura se torna ainda mais difícil quando a morte é inesperada, pegando de surpresa todos da redação. Mesmo nessas condições, a equipe jornalística necessita pensar em como fazer a cobertura para que cumpra seu papel de noticiar os fatos.

¹ Trabalho apresentado à comissão científica do II Encontro de Comunicação do Vale do São Francisco.

² Orientadora do trabalho. Professora Auxiliar do curso de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Mestre em História Social e Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia

³ Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social-Jornalismo em Multimeios-UNEB, email: jadnaelson@hotmail.com

O presente artigo tem como finalidade analisar, sob à luz das teorias do jornalismo, a cobertura realizada pelas TV's São Francisco (Juazeiro-BA) e Grande Rio (Petrolina-pe), ambas afiliadas da Rede Globo, sobre a morte do ator Claudio Damasceno, ocorrida no ano de 2009. Para isso, consideramos o material produzido pelas duas emissoras nos dias 07/07/2009, dia da morte do artista, e 08/07/2009 sobre a morte e a cerimônia fúnebre em homenagem a Claudio Damasceno.

2. Quem foi Claudio Damasceno

Provavelmente você já ouviu alguém dizer que a morte é a única certeza que temos quando nascemos, mas existem pessoas que conseguem fazer esta convicção aparentar ser relativa. Este era o caso de Cláudio Damasceno. Filho de família humilde, Cláudio José Nunes de Masceno nasceu no dia 16 de maio de 1972, em Itamotinga, distrito de Juazeiro-Ba e se tornou muito conhecido em toda região pelo seu trabalho com o teatro, principalmente com Lolly, seu personagem de maior sucesso.

A história de Cláudio com o teatro começou por acaso. Segundo Devilles⁴ (diretor de teatro, amigo de Cláudio e responsável pelo lançamento do ator nos palcos), o comediante foi descoberto em uma festa de amigos em que Cláudio era o animador. “Era uma coisa de fundo de quintal mesmo. Não tinha nenhum comprometimento com a arte”, conta Devilles. Mas, mesmo sendo algo amador, Cláudio chamou tanto a atenção do diretor que foi convidado a integrar a Companhia de teatro 1º Ato, dirigida por Devilles. Aceito o convite, Devilles começou a trabalhar o projeto de lançar Cláudio Damasceno como ator profissional o que aconteceu em 1996 com o espetáculo a “A Escrachada”. Antes disso Cláudio fez uma pequena aparição na peça teatral da Companhia 1º Ato “As Bedequebas” que estava em cartaz. Segundo Devilles¹, algo somente para familiarizar o ator com o palco.

O teatro era sua grande paixão, mas seu talento não se restringiu a esta arte. Cláudio ficou muito conhecido com a personagem Lolly, em alusão ao nome da cadela de uma amiga sua, tanto que muitas vezes era confundido com o papel. Mas Lolly não nasceu no teatro como muitos pensam, este papel é originário de outra atividade que Cláudio desenvolveu com maestria: a apresentação de programas em rádio FM. Depois de deslanchar no teatro, Cláudio

⁴ Em entrevista concedida a Jadnaelson Souza.

partiu para o rádio e fez muito sucesso, tanto que permaneceu nessa atividade até a morte (quando ele faleceu mantinha um programa semanal em uma rádio FM de Juazeiro).

Apesar de trabalhar com humor e seu principal personagem ser bem espalhafatoso, no convívio com os amigos fora do palco e do personagem, Cláudio se mostrava uma pessoa muito séria e profissional. Marcos Velasch¹ (diretor de teatro, ator e amigo do comediante) conta que o amigo não admitia atrasos em ensaios ou em espetáculos: “no trabalho ele era muito cauteloso. Não faltava, era extremamente pontual e não admitia que ninguém faltasse; com ele não tinha brincadeira. A brincadeira era no palco.”, afirma Velasch. Esse profissionalismo proporcionou a Cláudio a confiança do público e outras oportunidades de trabalho como a apresentação de eventos, como o Bahia Recall.

O sucesso do ator no rádio lhe deu visibilidade. A figura excêntrica e língua afiada de Lolly, sempre presentes nas tardes de sábado do rádio na região, renderam a Cláudio um convite, feito por Sibelle Fonseca, para desenvolver um trabalho no programa da TV São Francisco, chamado ‘Tema’. “Convidei Cláudio para fazer o programa comigo e ele topou na hora.”, confidencia Sibelle⁵ que diz também que Cláudio nesta época já se mostrava a vontade com a parafernália de TV. Ela lembra como era trabalhar com Cláudio: “ele nunca deu trabalho. Sempre foi criativo e mostrou intimidade com as câmeras”. Este trabalho no ‘Tema’ deu tão certo que quando surgiu a proposta do Brasil Total, Cláudio Damasceno foi convidado por Jota Menezes para representar a região no quadro.

No quadro Brasil Total, exibido pela Rede Globo no Fantástico, Cláudio fez três participações. A primeira e a segunda (caprinocultura e vinicultura no Vale do São Francisco), no ano de 2003, foram produzidas pela equipe da TV São Francisco auxiliada pela Globo - Rio, mas a última foi produzida diretamente pela TV Bahia - Salvador. Assim, Cláudio atingiu o ápice de sua carreira que se prolongou até a sua morte. Essa expansão de Cláudio Damasceno surpreendeu a todos, mas apesar de ter se embrenhado em outras atividades Cláudio era do teatro como confessa Devilles: “Cláudio ficou maior que as nossas expectativas. Ele ganhou as ruas, ganhou o mundo com Lolly, mas Cláudio Damasceno era do teatro.”, confessa o amigo Devilles.

⁵ Em entrevista concedida a Jadnaelson Souza.

Além de muito presente no contexto artístico-cultural do Vale do São Francisco, especificamente no teatro, Cláudio era engajado em movimentos sociais; ele era diretor de eventos da Associação de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais (GLBT) da região e, de acordo com Marcos Velasch, tinha profundo envolvimento com a causa tanto que o grupo nasceu com muita influência dele. O comediante era também cobrador ferrenho de melhores condições estruturais no Centro de Cultura João Gilberto para atender ao público e aos artistas, além de ser síndico do prédio onde morava.

Com a vida cheia de projetos e em plena atividade com o espetáculo “Se Meu Ponto G Falasse”, em 07 de julho de 2009, Cláudio amanheceu, segundo amigos, com certa indisposição, mas nada que atrapalhasse sua rotina. Entretanto, no fim da tarde daquela terça-feira, o comediante foi internado as pressas e minutos depois saiu de cena, sem aplausos, sem público, sem piada. Cláudio Damasceno estava morto. Com três paradas cardíacas e uma parada respiratória, um dos maiores artistas de Juazeiro deixava pai, mãe, seis irmãos, muitos amigos e admiradores órfãos de sua alegria, de sua irreverência, de sua graça.

3. Cobertura da morte de Cláudio Damasceno pela TV São Francisco

Composta por três reportagens e um VT especial, a equipe de jornalismo da TV São Francisco utilizou da irreverência típica do comediante para amenizar a dor da perda, lançando mão de passagens cômicas do ator que foram arquivadas pela TV. Assim, a emissora baiana conseguiu abordar o acontecimento com a leveza que não é própria da morte. O falecimento de Cláudio Damasceno recebeu bastante atenção devido a importância da figura do intérprete para a região. O diretor de teatro Devilles¹ diz que o falecimento de Cláudio foi o acontecimento desta natureza que recebeu tratamento privilegiado da TV São Francisco nos 19 anos de atuação da emissora.

Apesar de ter sido uma cobertura longa que contou, inclusive, com um link direto do Centro de Cultura João Gilberto dentro do Bahia Meio Dia, ainda apresentou falhas provocadas pelos mais diversos fatores. Uma que podemos citar é a falta da informação sobre o traslado do corpo do Centro de Cultura até o cemitério central da cidade, que foi feito em carro aberto do Corpo de Bombeiros e que, no entanto, não foi reportado pela TV São Francisco.

Isso provavelmente aconteceu pela falta de equipe no local na hora da saída do corpo para que fossem feitas imagens e colhidas informações que iriam compor, no mínimo, uma nota coberta. Assim, percebemos a influência exercida pela organização na construção da notícia, como apontado na Teoria Organizacional. “Devido aos custos e à lógica do lucro, são impostos constrangimentos ao trabalho jornalístico pelo orçamento da empresa.” (TRAQUINA, 2005, p.159), um desses constrangimentos é justamente a falta de recursos humanos para o desenvolvimento pleno do trabalho jornalístico.

3.1 - A primeira informação – Nota

A primeira informação dada pela TV São Francisco sobre este assunto foi no BATV do dia 07/07/2009, mas não tratava em nada sobre morte. Esta informação foi dada em forma de nota e noticiava apenas que o ator estava internado em um hospital de Petrolina-PE. Aqui podemos observar alguns fatores que interferem no fazer jornalístico, como o tempo e as fontes.

Esta primeira informação, como já foi dito, foi dada em forma de nota ao vivo que é a “notícia lida pelo apresentador do telejornal sem qualquer imagem de ilustração.” (PATERNOSTRO, 1999, p. 146). Geralmente se opta por este formato quando não há imagens de arquivo alusivas ao assunto e não há a possibilidade de se fazer imagens até o fechamento da edição (para serem usadas na elaboração de uma nota coberta) nem há a condição de ser feita uma reportagem. No caso da morte de Cláudio o tempo foi o fator que impossibilitou a produção de uma reportagem ou a captação de imagens para serem usadas na elaboração da nota coberta, já que o ator foi internado, segundo a família, no fim da tarde quando a edição do BATV já estava sendo fechada.

3.2 - 1ª Matéria

Confirmada a morte do ator Cláudio Damasceno a mobilização da equipe de jornalismo da TV São Francisco se inicia instantaneamente, contatando familiares, médicos, amigos para coleta de informações sobre as causas da morte e o envio de equipe de reportagem até o hospital para a produção de material. Esta movimentação resulta na primeira matéria sobre a morte do ator que traz entrevistas com a irmã de Cláudio, apresentando as causas e mostrando o início do velório, além de ressaltar a importância dele no meio artístico-cultural com depoimentos de amigos de trabalho e artistas. Esta reportagem tem um tempo total de 2’40’’.

O trabalho de edição de imagens é fundamental para a obtenção de bons frutos no telejornalismo. A prática e a sensibilidade são dois fatores que fazem um editor de imagem alcançar resultados satisfatórios e no caso desta matéria os efeitos causados pela edição foram sentidos e ainda são lembrados por algumas pessoas entrevistadas. Marcos Velasch¹ confessa que um dos momentos da cobertura realizada pela TV São Francisco mais emocionante para ele foi o fechamento da matéria com Cláudio travestido de Lolly na janela de um ônibus acenando com a mão, como se tivesse se despedindo. Isso mostra o impacto que um bom texto aliado a uma boa edição e imagem pode causar.

Neste primeiro material encontramos uma teoria muito aplicada no jornalismo: a hipótese do Agenda – Setting. Esta hipótese “é um tipo de efeito social da mídia. É a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição, e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá. (BARROS FILHO, 2003, p. 169). Assim, um tema que tem destaque maior na mídia será discutido por todos, enquanto os temas ofuscados pela mídia não serão pauta na discussão pública.

Logo, levando em consideração a atenção dedicada à cobertura da morte do ator Cláudio Damasceno feita pela TV São Francisco, nota-se facilmente como o tema acabou nas discussões públicas da sociedade do Vale do São Francisco. Para constatar isso, basta observar os comentários nos blogs de notícias da região feitos na época da morte do ator.

3.3 - 2ª matéria

A segunda produção da TV São Francisco sobre o assunto já traz mais riqueza de informações, pois essa matéria já contou com um tempo maior de produção o que possibilita o levantamento de dados sobre o acontecimento e também sobre a vida das pessoas envolvidas, neste caso Cláudio Damasceno.

Esta reportagem traz informações sobre a vida do ator, sobre as causas da morte, sobre o velório. Consegue desenhar um panorama do comediante trazendo aspectos importantes da sua vida e da sua obra, justificando a importância que Cláudio tem para Juazeiro, não só no teatro como também no rádio e na televisão.

No entanto, podemos detectar em toda a cobertura e principalmente nesta reportagem – já que falou sobre a vida e as atividades que o ator desenvolvia – a presença da Espiral do Silêncio. Cláudio Damasceno era Diretor de eventos da Associação de Gays, Lésbicas,

Bissexuais e Transexuais da região, porém isso não foi pontuado em nenhuma das matérias que compuseram a cobertura da morte do ator pela TV São Francisco.

A Espiral do Silêncio é uma hipótese proposta pela professora alemã Elisabeth Noelle – Neumann que se baseia na possibilidade de os agentes sociais poderem ser isolados de seus grupos de convívio se expressarem, em público, opiniões divergentes daquelas consideradas como dominantes. “Esse medo do isolamento social faz com que as pessoas tendencialmente evitem expressar opiniões que não coincidam com a opinião dominante.” (BARROS FILHO, 2003, p. 207). Em relação à morte de Cláudio, foi lembrado pelos *media* somente a atuação dele como ator, humorista e comunicador de rádio, esquecendo-se da militância dele no movimento GLBT que, segundo Marcos Velasch, era intensa.

3.4 - 3º matéria

A terceira matéria que compôs a cobertura da TV São Francisco sobre a morte de Cláudio Damasceno foi a mais trabalhada, pois apresenta muitas informações sobre o fato, desde as causas da morte até a última parada do corpo antes de ser enterrado, apresentando ainda algumas informações sobre a carreira e sobre o trabalho do ator, inclusive citando as expectativas que Damasceno tinha antes de morrer.

Com vários depoimentos de amigos de trabalho, não só do teatro (como em todas as outras matérias), mas também da rádio onde ele mantinha um programa semanal, a reportagem mostra como o ator era uma pessoa jovem e ativa que tinha diversos planos para sua carreira, em especial com a peça que estava em cartaz quando ocorreu o fato que era “Se Meu Ponto G Falasse”. A matéria apresenta um tratamento contextualizado da morte de Claudio Damasceno, abordando vários aspectos relacionados não só a morte, mas também a figura do homem Claudio Damasceno.

3.5 - VT especial

Este Vídeo - Tape foi veiculado no Bahia Meio – dia de 08 de julho de 2009. O material foi produzido somente com imagens de arquivo de Cláudio Damasceno acompanhadas com a narração do texto em off e com o uso de background compassivo, o que deixa transparecer a intenção de emocionar o telespectador. Este VT está diretamente ligado com a sensibilidade dos editores de texto e, principalmente, com os editores de imagem que são responsáveis pela montagem da matéria.

O VT tem o caráter de humanizar a figura de Cláudio mostrando-o não só como o personagem Lolly, mas como homem, profissional, filho. Este produto evidencia a personalidade do ator e apresenta construções textuais que adjetivam ele, como em “figura que sem precisar de esforço algum arrancava risos de quem quer que passasse a sua frente”, provando a finalidade de construir uma visão nos telespectadores de quem era Cláudio Damasceno.

Este VT é iniciado com a imagem do ator em uma entrevista à própria TV São Francisco, que o toma apenas de rosto (aliás, esta imagem abre três das quatro matérias produzidas pela emissora baiana na ocasião da morte de Cláudio) e é fechada com um infográfico que mostra a imagem do rosto do intérprete, sua data de nascimento e falecimento e uma frase célebre sua que era “A vida é como um sutiã... Quem quiser que meta os peitos.” Esta tendência em mostrar apenas o rosto do morto foi apontada pelo escritor Maurice Mouillaud, no texto “As Grandes Mortes na Mídia” que faz parte do livro *Jornal: Da forma ao sentido*.

4. Cobertura da morte de Cláudio Damasceno pela TV Grande Rio

A cobertura realizada pela TV Grande Rio sobre a morte do ator Cláudio Damasceno foi composta por apenas uma reportagem de aproximadamente dois minutos de duração, apresentando todas as informações sobre a morte, carreira e vida do ator. Esta cobertura foi curta – se comparada com a cobertura da TV São Francisco – e não teve grandes cuidados, sendo produzida como uma notícia factual.

A edição da reportagem produzida pela TV Grande Rio ressalta a tristeza da família e dos amigos com a morte de Cláudio por meio das entrevistas usadas, com imagens que mostram pessoas emocionadas e com o texto *off* que reafirma a comoção das pessoas próximas ao ator. Esta reportagem, como foi a única produzida sobre o caso, trouxe todas as informações sobre a morte e sobre o comediante. Mas, como a notícia era a morte, a reportagem foi composta quase que inteiramente sobre isso, com cerca de 60% do tempo da reportagem tratando da comoção pela perda do ator e da morte em si (causas, internamento etc.).

A TV Grande Rio teve postura parecida com a da TV São Francisco ao não ressaltar a atuação de Cláudio Damasceno no movimento GLBT, atendo-se, na sua cobertura, apenas ao desempenho dele como artista. Pode-se, assim, considerar que houve o silenciamento de uma

informação importante. Portanto, a Teoria da Espiral do Silêncio se fez presente na produção da notícia. (BARROS FILHO, 2003)

5. Comparação entre as duas coberturas

Após analisarmos as coberturas da TV São Francisco e da TV Grande Rio sobre a morte do ator Cláudio Damasceno, podemos identificar algumas diferenças na abordagem ao fato.

A primeira grande diferença é o espaço dedicado ao assunto. A TV São Francisco produziu três matérias e um VT especial, enquanto a TV Grande Rio produziu apenas uma matéria a respeito do fato. Esta diferença pode ser explicada pelo nível da relação que o ator mantinha com as emissoras. O projeto Brasil Total foi montado e produzido pela TV São Francisco e o personagem Lolly foi escolhido para representar a região no quadro por meio do chefe de redação da emissora baiana, à época Jota Menezes. Com isso Cláudio construiu boa amizade com os profissionais da TV São Francisco e estabeleceu, inclusive, contratos com a emissora. Assim, pode-se tentar explicar o porquê das coberturas serem tão distintas.

Outra diferença foi a forma como as matérias foram construídas. A TV São Francisco fez reportagens mais aprofundadas e humanizadas, evitando mostrar imagens de pessoas chorando e explorando muito as imagens do ator em seus trabalhos. Já a TV Grande Rio construiu a reportagem apresentando pessoas muito emocionadas e ressaltando em texto a tristeza da família e dos amigos com a morte do ator. Assim, comparando as coberturas, podemos notar como as edições de imagem e de texto são capazes de dar sentidos diferentes ao mesmo assunto, incidindo na teoria construcionista (TRAQUINA, 2004) que nega a teoria do espelho e coloca a notícia como uma construção dos jornalistas a partir de suas narrativas.

Pelos critérios de noticiabilidade (WOLF, 1996) a morte de Cláudio Damasceno teve potencial para ser noticiado nas duas TV's. O primeiro critério observado a proximidade geográfica é que dá a morte do comediante status para se tornar notícia, já que era um personagem de grande atuação no meio artístico e popularidade na área de abrangência do sinal das TV's. Outro critério que podemos elencar é a importância de Cláudio para a região, porque o ator além de ser muito atuante na cultura das cidades do Vale, era também importante na luta da comunidade GLBT e foi quem apresentou grandes potencialidades do sertão baiano (como a caprinocultura e a vinicultura) para o Brasil por meio do quadro Brasil Total.

Semelhanças são encontradas também entre as coberturas, uma delas são as fontes usadas na construção das notícias. As duas TV's recorreram muito a Nilton Miranda (que estava em cartaz com Cláudio na peça "Se Meu Ponto G Falasse") e Ieda Masceno (irmã do ator). Logo, as informações obtidas a partir das fontes foram similares, por exemplo, a informação de que o espetáculo que estava em cartaz seguiria em turnê por várias cidades da região.

Outro fator presente nas duas coberturas foi o silenciamento da informação sobre o ativismo de Cláudio no movimento contra preconceitos e discriminação à comunidade GLBT no pólo Juazeiro/Petrolina. Essa informação foi sequer citada; nenhuma fonte foi procurada para falar sobre isso, apesar de terem sido entrevistadas pessoas ligadas ao movimento. Assim, a Espiral do Silêncio (BARROS FILHO, 2003) se fez presente na cobertura realizada pelas duas TV's da região sobre a morte de Cláudio Damasceno.

6. Considerações Finais

Após analisarmos as coberturas da TV São Francisco e da TV Grande Rio sobre a morte de Cláudio Damasceno, notamos como são inúmeros os elementos que envolvem o universo jornalístico. Com esta análise foi possível perceber como as teorias do jornalismo influem na decisão de noticiar um fato ou não e como noticiá-lo. Observamos também como estas teorias, individualmente, não explicam o porquê de a notícia ser como é, mas juntas abrem um leque de possibilidades de entendimento sobre essa questão.

Notamos também que, a depender de diversos fatores que interferem, dois meios com características muito parecidas podem tratar o mesmo assunto de formas bem diferentes. Uma apurando e contextualizando o fato, recorrendo a imagens de arquivo e a fontes. A outra se atendo a notícia em si. Uma tentando aliviar a dor da perda com trabalho de edição mais aprofundado, a outra retratando o fato de forma mais factual, sem serpentinas nem confetes. Enfim, tratamento muito distinto ao mesmo fato.

Observamos também, com esta análise, como o trabalho técnico é importante no jornalismo para que a notícia cause a sensação desejada pelo produtor da mesma. No telejornalismo a união precisa entre texto, imagem e som é essencial para o alcance de um trabalho de qualidade e para a produção do efeito almejado que pode ser dos mais variados, desde alegria até a tristeza.

Enfim, a morte do ator Cláudio Damasceno teve potencial para ser notícia nos dois veículos de comunicação, com a intensidade da relação dele com cada um. A grandiosa cobertura da TV São Francisco só foi assim, porque o comediante tinha uma relação muito estreita com a TV, relação inclusive contratual, já que era ele quem promovia junto aos patrocinadores os produtos oferecidos pela rede. A cobertura da TV Grande Rio ficou restrita a notícia da morte, dedicando-se apenas a relatar o fato.

7. Referências

BARROS FILHO, Clóvis. **Ética na comunicação**. 4^aed. São Paulo: Summus, 2003.

MOUILLAUD, Maurice. **O jornal: Da Forma Ao Sentido**. Brasília: UnB Editora, 2002.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**. Manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teoria do Jornalismo: Por que as Notícias São Como São**. Florianópolis: Insular, 2004.

WOLF, Mauro. **Teorias Sobre das Comunicações de Massa**. Lisboa: Presença, 1996.